

Essa coerência das grandes filosofias me seduzia. Coerência, aliás, que recebe definições diferentes em cada uma delas. Mas a justificção que cada uma delas propõe de seu próprio sistema não me pôde persuadir. Porque eu conhecia as razões das outras. E descobrira que nenhuma fundamentação era absoluta, nenhuma legitimação era definitiva. O que é aqui aceito como evidente e certo é ali rejeitado como enganoso e falaz. Que pretensas evidências e certezas puderam jamais resistir ao embate das filosofias? Também eu, por isso mesmo, me descobria incapaz de fornecer uma justificção decisiva para as minhas convicções pessoais, para os enunciados que, entretanto, me pareciam justos e verdadeiros. E assim foi que cheguei à plena consciência do caráter não-demonstrativo do discurso filosófico. Em que pesassem as decididas pretensões em sentido contrário de tantos pensadores, tornou-se-me manifesto e irrecusável que as filosofias jamais poderiam pretender a algo mais que a uma argumentação razoavelmente persuasiva, ainda que sistematicamente elaborada numa ordem consistente de razões. Capazes, em grau variável, de impor-se à aceitação de muitos espíritos, nenhuma delas jamais lograria a adesão do auditório universal. E não se tratava de uma mera impossibilidade de fato. Eu descobrira que, em sentido rigoroso, nunca há demonstração fora da lógica formal. Um outro modo de dizer que, em sentido pleno, não há lógica fora da lógica. Demorando-me longamente no estudo da sofística grega, pude aprender seu significado profundo, aprender sua lição aos filósofos de todos os tempos: a de que, em filosofia, tudo pode se provar. O que vale dizer que nada se prova verdadeiramente em filosofia.

(Porchat, O. *Prefácio a uma Filosofia.*)